



Muita Retórica, Pouca Literatura: De Alencar a Graça Aranha

Rodrigo Gurgel

Campinhas: Vide Editorial, 2012. (228 páginas)

ISBN: 978-85-8119-087-7

O crítico literário Rodrigo Gurgel publicou um inovador livro de ensaios que analisam importantes autores e obras da literatura brasileira. É importante frisar as próprias palavras do referido crítico, quando explica, na Apresentação do livro, a origem desses ensaios. Em suas palavras:

Esse livro reúne ensaios publicados, entre 2010 e 2012, no jornal *Rascunho*, numa série, ainda não terminada, cuja proposta é reler os prosadores da literatura brasileira. Minha leitura segue, de maneira proposital, parâmetros em grande parte desprezados na atualidade, quando a crítica literária não só difunde, mas também sofre dos três males apontados por Tzvetan Todorov: formalismo, niilismo e solipsismo (p. 23).

Na simples e objetiva Apresentação do livro, Rodrigo Gurgel afirma não seguir, nos ensaios escritos e publicados entre 2010 e 2012, o atual modelo de fazer crítica literária. É preciso salientar que a atual crítica literária está carregada de um modelo heurístico e analítico cansativo, repetitivo, com excessos de citações de comentadores e com muito pouca ou quase nada teor de inovação. Além disso, Rodrigo Gurgel utiliza o método de retirar as camadas de retórica que envolvem obras literárias clássicas da literatura brasileira e, a partir desse mecanismo, encontrar problemas dignos de serem analisados pela crítica especializada.

Em grande medida, a crítica literária contemporânea, desenvolvida dentro das universidades e centros especializados, cai em quatro tipos de armadilhas. Primeira, limita-

-se a repetir o que os comentadores clássicos dizem das obras que são analisadas. Segunda, limita-se a analisar a obra literária simplesmente como uma estrutura formal do texto. Com isso, realiza-se uma espécie de transplante, para o campo da crítica literária, da análise do conteúdo interno da frase, desenvolvida pelos filósofos analíticos na primeira metade do século XX. Algo que, para a investigação da filosofia da linguagem, tem muita validade, mas no campo da crítica da literatura tem muito pouco valor. Terceira, realiza-se uma análise, como bem afirmou Rodrigo Gurgel na Apresentação do livro, de cunho niilista, ou seja, uma análise que nega e procura destruir a estrutura do texto literário, os valores e princípios que esse texto, por algum motivo, traga ao grande público. Nesse viés, analisa-se a obra literária como uma simples sucessão de erros históricos, de preconceitos íntimos do escritor e da visão limitada do que se convencionou chamar de *sociedade da época*. Quarta, atualmente está em moda analisar a obra literária como sendo uma produção ideológica. Ou, até pior, analisa-se a obra literária como sendo uma crítica ou uma possibilidade de rebelião contra a sociedade chamada de burguesa, retrógrada e coisas semelhantes.

Em síntese, pode-se afirmar que, hoje em dia, a crítica literária, cujo *locus* central é o espaço universitário e acadêmico, tem um discurso sobre o que é ou deve ser o texto literário, mas tem profunda dificuldade de estudar e analisar o texto literário em si, o que o texto diz ou pode dizer ao homem e ao mundo.

É dentro desse problemático contexto que se deve saudar o livro *Muita Retórica, Pouca Literatura: De Alencar a Graça Aranha*, de Rodrigo Gurgel. Ele não é um ensaísta profissional, ligado a alguma universidade ou a um grupo acadêmico de pesquisas literárias. É um representante de um tipo que atualmente se vê com raridade na cena analítica brasileira. É um ensaísta livre, uma espécie de *freelancer* das ideias, ou seja, publica seus artigos críticos sobre literatura em jornais, especialmente o jornal *Rascunho*, e em sites na internet. Rodrigo Gurgel é um dos ensaístas que, de alguma forma, foram “profetizados” por Harold Bloom – autor dos livros *O Cânone Ocidental*, *Sobre a Literatura* e *Como e por que Ler* – quando afirmou que a nova geração de críticos literários não viria de dentro das universidades, mas do espaço livre das ruas, do cotidiano.

É por esse caráter de liberdade, por não estar preso à exigência do ensaio polido e heurístico, o qual é trabalhado com exaustão no espaço universitário, que Rodrigo Gurgel conseguiu trazer para a cena da crítica literária um inovador livro de ensaios sobre autores e livros da literatura brasileira.

Em *Muita retórica, pouca literatura*, Rodrigo Gurgel não se entrega aos lugares comuns da crítica literária. Por exemplo, não realiza excesso de citações das obras analisadas, não cita, de forma desnecessária, comentadores, historiadores e sociólogos. O modelo de ensaio que propõe é conciso, sintético e vai direto à análise do problema ou da temática que se propõe diagnosticar.

Outra grande virtude de *Muita Retórica, Pouca Literatura* é que Rodrigo Gurgel não se rende aos lugares comuns da crítica literária contemporânea. Por exemplo, não elogia Machado de Assis (1839-1908), inclusive chega a afirmar que há momentos que a prosa do *grande escritor nacional* é chata e cansativa, não elogia Raul Pompéia (1863-1895) como sendo o *brilhante escritor* que apresentou ao Brasil os males da educação repressiva burguesa.

Rodrigo Gurgel busca a inovação, o não visto, o não comentado e o não falado. Isso fica patente em sua análise do romance *O Ateneu*

de Raul Pompéia. Nessa análise, não cai no lugar comum de afirmar que Raul Pompéia tinha um projeto anti-eloquência, que seria um escritor crítico e contrário ao excesso de retórica presente na literatura jurídica e que, no final do século XIX e início do século XX, tinha chegado até a produção das obras literárias. Ao contrário dessa visão, quase que oficial da obra de Raul Pompéia, Rodrigo Gurgel vê no romance *O Ateneu* um ilustre exemplo justamente do uso abusivo da retórica e da eloquência. Nessa perspectiva, *O Ateneu* é um romance que só pode ser compreendido pela sua ideia geral e não pelo conteúdo dos capítulos. É um romance para poucas pessoas entenderem, que foi popularizado justamente por causa da crítica literária profissional, a qual viu, neste romance, uma linguagem formidável e talvez uma imagem de si mesma.

Rodrigo Gurgel comenta, de forma bem séria e crítica, José de Alencar (1829-1877), Manuel Antônio de Almeida (1831-1861) e Bernardo Guimarães (1825-1884), até chegar em Afonso Arinos de Melo Franco (1868-1916) e Graça Aranha (1868-1931). Seria demasiadamente cansativo apresentar todas as minúcias desses ótimos comentários, mas, a título de exemplo, apresentar-se-á sucintamente a releitura e interpretação que Rodrigo Gurgel faz de um clássico da literatura brasileira, ou seja, o romance *Inocência* de Alfredo d’Escragno Taunay (1843-1899), o Visconde de Taunay.

Para Rodrigo Gurgel, esse não é um grande romance. Na prática, *Inocência* é apenas um romance que segue o estilo literário romântico vigente no século XIX e bem ao gosto do público consumidor de literatura. Para ele, a grande obra de Visconde de Taunay não é *Inocência*, mas uma obra quase esquecida das editoras, da crítica literária profissional e dos demais segmentos que estão em torno do mercado de livros. Em sua releitura, o grande livro de Visconde de Taunay e que deve entrar para o rol do cânone da literatura brasileira é *A Retirada da Laguna*. Trata-se de um livro histórico que apresenta, de forma objetiva, sem rodeios folhetinescos, a retirada do exército brasileiro da região da

Laguna, perfazendo um dos mais dramáticos episódios da Guerra da Paraguai. Para Rodrigo Gurgel, esse livro é uma “*antevisão do que o melhor realismo e os mais importantes ficcionistas pós-Semana de Arte Moderna produziram em nosso país*”¹. E isso acontece porque, na releitura de Rodrigo Gurgel, apesar do livro apresentar um conjunto de fatos históricos marcados por tragédias e por incertezas, nele encontra-se o que há de mais nobre no ser humano, como, por exemplo, o compromisso com a família, a amizade e a solidariedade. Com as devidas proporções, pode-se afirmar que *A Retirada da Laguna* é a *Odisseia* da literatura brasileira, justamente porque nesse livro existe uma jornada, não apenas para fugir da fome e da guerra, mas para encontrar o que há de mais nobre e valioso no ser humano.

Por fim, afirma-se que o livro de Rodrigo Gurgel representa *ares novos* na crítica literária brasileira. E isso se dá, em grande medida, porque recusa-se a seguir as estruturas oficiais de interpretação literária. Entre essas estruturas, é possível citar o formalismo russo e o niilismo alemão. O livro pode até não fazer sucesso entre os acadêmicos, mas deve ser uma leitura obrigatória para o estudante de Letras, para o pesquisador sério e para o grande público que queira ter uma visão mais livre dos preconceitos acadêmicos e inovadora da literatura nacional. ∞

¹ Ibid. *Ibidem.*, p. 77.

Ivanaldo Santos

Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Pós-doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade de São Paulo (USP)

Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

ivanaldosantos@yahoo.com.br